

**REVISITANDO O MITO DE ULISSES: CONTRIBUTOS  
PARA A INTERPRETAÇÃO DE *A CIDADE DE ULISSES*  
DE TEOLINDA GERSÃO**

*Carla Mourão Neves* (UTAD)

*Maria Luísa de Castro Soares* (UTAD / CEL)

**ABSTRACT**

This article intends to analyse Teolinda Gersão's book, *A Cidade de Ulisses*, based upon the myth with the same name. Using an hermeneutic method, mythocriticism and mythanalysis, the article writers analyze how the Ulysses's myth is revised, rewritten and reinvented in Teolinda Gersão's book and how the tours of the main characters show the hard route of the human being, wandering and demander in his path to selfknowledge.

Keywords: Myth; Ulysses; city; voyage; selfknowledge.

**RESUMO**

No presente trabalho tem-se por objetivo principal fazer uma análise da obra *A Cidade de Ulisses*, de Teolinda Gersão, a partir do mito com o mesmo nome. Por meio do método hermenêutico, da mitocrítica e da mitanálise, reflete-se sobre a forma como o mito de Ulisses se encontra revisto, reescrito e reinventado na obra *A Cidade de Ulisses*, de Teolinda Gersão e de que forma as deambulações dos protagonistas do referido romance mais não são do que o árduo percurso do ser humano, errante e demandador no caminho da autognose.

Palavras-chave: Mito; Ulisses; cidade; viagem; autognose.

Recebido em 17 de julho de 2023

Aceite em 1 de setembro de 2023

DOI: <https://doi.org/10.58155/revistadeletras.v1i7.456>

## 1. *A Cidade de Ulisses* – Breve Introdução

A criação do romance de Teolinda Gersão *A Cidade de Ulisses* – lançado em 2011 e agraciado com o *Prémio António Quadros* em 2013 – partiu do grande amor que a autora nutre pela cidade de Lisboa que a acolheu, onde escolheu viver há décadas, e como forma de homenagear todos aqueles que sobre ela escreveram e meditaram.

A escolha do tema deste romance é justificada pela própria autora, uma cidade com quase trinta séculos, fundada a partir de um dos mais fecundos mitos gregos, o de Ulisses, o herói que batizou a urbe em causa:

A Cidade de Ulisses.

O mito parecia-nos irrecusável. Havia pelo menos dois mil anos que surgira a lenda de que fora Ulisses a fundar Lisboa. [...]

Havia aliás vinte e nove séculos que o rasto de Ulisses andava no imaginário europeu... (Gersão 2011: 38).

Tal como em a *Odisseia* de Homero, tripartida entre “Telemaquia”, “Odisseia” e “*Nostos*”, a obra de Gersão encontra-se dividida em três partes: “Em volta de um convite”, “Em volta de Lisboa” e “Em volta de Nós”. Em ambas os títulos denotam a existência de um percurso iniciático do herói.

Com efeito, este é o mote do presente trabalho, promover uma reflexão sobre a forma como o mito de Ulisses se encontra revisitado na obra *A Cidade de Ulisses* e de que modo as deambulações por Lisboa do protagonista Paulo Branco são a representação ficcionada do caminho do ser humano que relembra o seu passado e os seus amores, recordando épocas históricas e procurando nesse percurso o seu *eu* interior, tal como o herói épico Ulisses da literatura grega antiga.

Toma-se, pois, como ponto de partida uma reflexão sobre a questão da importância da mitocrítica e da mitanálise, nomeadamente, no que diz respeito ao mito de Ulisses, simbolizando o caminho dos protagonistas das referidas obras na demanda do autoconhecimento.

## 2. O Mito e Ulisses

Os estudos em torno da mitologia e dos fundamentos metodológicos do imaginário tiveram a sua origem no decurso do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, nomeadamente a partir dos anos 30, com

o surgimento de uma “Nova Crítica” influenciada, sobretudo nos anos 60 do século passado, pelo existencialismo, pelo marxismo, pela psicanálise e pelo estruturalismo (Barthes 1988). Como estudiosos destes domínios sobressaem o mitólogo Mircea Eliade, o antropólogo Claude Lévi-Strauss e, sobretudo, o filósofo Gilbert Durand, referência fundamental da mitocrítica, um neologismo que criou na década de 70 do mesmo século XX. Durand preconizava que a literatura comparada não poderia, nem deveria ser afastada das suas raízes mais antigas, abarcando esta área metodológica de análise o estudo dos mitos em literatura (Sellier 1984: 112-126; Roxane. 2018 : s/p). Assim sendo, a mitocrítica deve estar “au service de l’oeuvre et comme un autre mode de la lecture” (Brunel 1992: 12). Segundo Jolles (*apud* Brunel 1992: 13), sendo anterior à linguagem escrita, o mito é atualizado por ela e pelo texto literário.

O espírito interrogador e curioso do ser humano levou-o à criação de textos que explicam com mitos aquilo que a razão não parece capaz de explicar ou compreender, tornando-se num objeto de fé.

Propomo-nos, portanto, aplicar o conceito de mitanálise, criado por Denis de Rougemont em 1961, e o de mitocrítica, da autoria de Gilbert Durand (Brunel 1992: 12-13), ao texto literário aqui em estudo, *A Cidade de Ulisses*, de Teolinda Gersão, nomeadamente no que diz respeito ao mito que lhes subjaz, o de Ulisses, fundamental para o Ocidente moderno (Pereira 1987).

O mito de Ulisses será, porventura, um dos mitos clássicos mais consensuais, por ser capaz de transmitir valores que conduzem, ao longo dos tempos, a ação dos homens (Calvino 1994). Esta é a história do homem que saiu do seu reino, Ítaca, para auxiliar na guerra contra os troianos, que deixa sozinho a sua mulher, Penélope, e o filho menor, Telémaco, para viver inúmeras aventuras ao longo da viagem, nomeadamente aquando do seu regresso, e que, dez anos volvidos, reencontra o seu reino e a sua família modificados, mas sempre desejosos e saudosos desse seu retorno. O desejo de voltar, designado por *nostos*, está muito presente na *Odisseia* de Homero, mas não só. Como afirma Kohler (*apud* Brunel 1988: 1415), para Ulisses, a glória, *kléos*, é também fundamental: regressar à pátria significa voltar no apogeu de si próprio, em plenitude, como um homem novo, pronto a enfrentar os perigos de Ítaca.

Falamos aqui da capacidade de livre arbítrio do ser humano e também do conceito de *homo viator*, aquele que avança por terras desconhecidas, mas não esquece o caminho para a pátria.

### 3. O Mito de Ulisses Reinventado

Entre a *Odisseia* de Homero e o romance *A Cidade de Ulisses* de Teolinda Gersão, em termos de paralelismo de personagens, fácil seria atribuir os papéis de Ulisses a Paulo Vaz e o de Penélope a Cecília Branco, a mulher que Paulo conheceu como sua aluna enquanto assistente na Faculdade de Belas Artes de Lisboa e com quem manteve um intenso relacionamento de quatro anos. Porém, e tal como em outros romances contemporâneos de cariz introspectivo, os paralelismos não poderão ser estabelecidos de forma tão linear.

Se, por um lado, Paulo Branco se assemelha, em certa medida, a Ulisses, já que é a personagem masculina e o protagonista da história que se desprende dos laços familiares e que teme constituir uma família própria, Ulisses desprende-se da família já constituída pela mulher, Penélope, e pelo filho menor, Telémaco, em busca de aventuras.

O protagonista de *A Cidade de Ulisses*, Paulo Vaz, é oriundo de uma família tradicional do Estado Novo, com todas as implicações em termos de formação e pedagogia que tal acarretou de acordo com as diretrizes morais da época em causa. É apresentado na obra como filho de um militar e de uma datilógrafa que, fruto do casamento com um homem muito mais velho e bem posicionado socialmente, ascendeu e abandonou o cargo que exercia. A mãe de Paulo passa a ocupar-se do lar, despendendo o seu tempo à volta das costuras e da pintura, modalidades que tinham um lugar especificamente reservado para si, especificamente o sótão da casa, onde se inicia no mundo das artes plásticas.

Paulo não pretende ser pai, mas tem afinidades com a figura de Telémaco, pois busca toda a vida a figura paternal que não teve, devido à austeridade com que foi educado. É a própria Teolinda Gersão quem, em entrevista concedida a Paula Moura Pinheiro (Gersão 2011a: s/p), faz referência ao Mito de Laio (o filho que cresceu sem pai) para evocar, precisamente, esta relação conturbada entre pai e filho.

A mãe é o seu porto seguro e a sua incapacidade de amar, até os próprios animais, fazem com que se considere um viajante, e não um turista:

Os turistas vão à procura de lugares para fugirem de si próprios, da rotina, do *stress*, da infelicidade, do tédio, da velhice, da morte. Vêm os lugares onde chegam apenas de relance e não ficam a conhecer nenhum, porque logo os trocam por outros e fogem para mais longe. Os viajantes vão à procura de si

noutros lugares. Que ficam a conhecer profundamente porque nenhum esforço lhes parece demasiado e nenhum passo excessivo, tão grande é o desejo de se encontrarem (Gersão 2011: 35).

Ao descobrir a gravidez da amada, Paulo sente-se traído e agride violentamente a namorada, atirando-a pelas escadas abaixo e causando-lhe um aborto espontâneo, o qual não será perdoado e que culminará com a fuga da jovem mulher para o estrangeiro. Na mente de Paulo, não era possível criar obras e filhos em simultâneo.

Cecília, uma mulher feliz, bem resolvida consigo mesma e com a vida, sendo, como Penélope, devota ao lar e aos seus, e proativa no afastamento dos pretendentes que se lhe apresentavam, não é a mulher de Ulisses, esposa e mãe, que aguarda pacientemente a chegada do marido, embarcado dez anos antes. Vive com Paulo numa conformidade feliz e voluntária, amando o homem com quem vive e o seu trabalho, mas nunca deixando de ser independente e autónoma.

Depois de abandonado por Cecília, por seu turno, Paulo parece encarnar a figura de Penélope já que acalenta a esperança do regresso daquela, crendo na força intensa do amor vivido e das recordações colecionadas através das viagens feitas por Lisboa, e não só.

Por fim, poderemos associar a figura de Sara, a mulher com quem Paulo Vaz se envolverá numa fase mais madura da vida, a Penélope, pois é ela quem promove a estabilidade do protagonista e parece ser o cais que ele sempre pretendeu alcançar.

#### **4. O mito da cidade reinventada**

Diferentemente de outras revisitações do mito clássico, designadamente, o romance psicológico *Ulisses*, de James Joyce (2014) – escrito em conformidade com os valores estéticos do modernismo e tradutor da corrente de consciência e da realidade intrapsíquica das personagens (Cabral 2009: s/d) –, *A Cidade de Ulisses* de Teolinda Gersão pode ser considerado um romance de espaço. Efetivamente, um dos aspetos centrais nesta obra é a cidade de Lisboa que surge como uma das protagonistas deste livro. É o tema aglutinador da exposição que decorrerá no Centro de Arte Moderna, cuja participação foi proposta a Paulo, levando-o a refletir sobre as ruas e os vestígios da História e do Império Grego que ainda persistem na cidade. É nesta cidade que Paulo vive grandes amores, mas também é dela que sai

quando necessita de fugir da sua realidade, em momentos de crise existencial. Os passeios de Paulo e Cecília por Lisboa são, como refere Miguel Real,

um vibrante hino à história una e múltipla, harmónica e desencontrada de Lisboa e uma soberana denúncia do aviltamento a que as sucessivas administrações políticas recentes têm conduzido a cidade, degradando-a, sugando-lhe a beleza natural, infestando-a de desarmonia arquitectónica (Real 2011: 1).

A capital portuguesa é, também, um labirinto, pois os seus percursos intrincados, naturais ou provocados por mão humana, provocaram a desorientação, espacial e urbanística, dos seus habitantes sendo o ponto de partida, mas também o ponto de retorno, dos seus filhos pródigos.

A exposição coletiva cuja temática é “Lisboa” terá como cerne a obra deixada pela artista Cecília Branco, entretanto tragicamente falecida num acidente de viação, e cujo espólio será mostrado ao público pela primeira vez a partir de um pedido feito por Paulo ao marido daquela. Portanto, tal como refere Miguel Real, “cumpre-se o fado pessoano português – só após a morte, Portugal reconhece os seus maiores” (Real 2011: 3).

A respeito da cidade enquanto labirinto invocaremos aqui, também, o Mito de Dédalo e o do labirinto do Minotauro.

Os passeios que Paulo e Cecília fazem por Lisboa permitem ver a inserção de conteúdos históricos no enredo (Holm e Bowker 1997). A ação principal desenrola-se nos anos 80 do século XX, ainda que existam referências críticas ao período das navegações, ao pós-25 de abril de 1974 e ao período da (des)colonização, estabelecendo-se o cerne da intriga no ano de 2008, época de contexto social e económico difícil, com a vertigem de uma bancarrota em Portugal e uma possível nova intervenção do Fundo Monetário Internacional no país, com consequências de instabilidade e convulsão previsíveis.

A autora refere em várias ocasiões, designadamente na entrevista de Paula Moura Pinheiro, que o real que a circunda sempre a preocupou (Geração 2011a: s/p), que é uma espetadora atenta e, por este facto, faz questão de denunciar as políticas desastrosas dos sucessivos governos em Portugal, não se cumprindo, de forma plena e bem sucedida, aquele que terá sido, porventura, o maior legado do Império Grego ao Ocidente, o ponto mais alto da Europa, isto é, a democracia e o seu usufruto por parte dos cidadãos.

Em termos de focalização, esta é, maioritariamente, interna, pois é o ponto de vista de Paulo que impera na forma como os leitores são conduzidos por Lisboa e através da relação entre os amantes, sendo também omnisciente

(Reis e Lopes:1994). Este foi o primeiro romance de Teolinda Gersão em que a “voz” que narra é masculina, a de Paulo Vaz, o protagonista do enredo, sendo, portanto, um narrador autodiegético, havendo, no entanto, laivos de uma “voz” feminina, que a própria autora não rejeita.

Este é, ainda, um romance interartes, pois na “Nota Inicial” ao romance a sua autora explica o *leitmotiv* da obra e agradece ao pintor José Barrias, artista plástico que expôs no Centro de Arte Moderna a temática olissiponense, a inspiração para este livro. Por outro lado, a exposição póstuma de Cecília Branco, feita a partir do seu espólio, será o resultado de um conjunto de obras de arte plástica, de escrita e de instalações multimédia.

É no final desta exposição que surge outro elemento fulcral, o espelho, ou seja, a saída do labirinto, que, como refere o narrador da obra:

Mas à sua chegada o espelho ilumina-se e vê reflectida a sua própria face, com a legenda:

*O Outro somos nós* (Gersão 2011: 238).

Ao olhar para o espelho cada um de nós vislumbrará um *Outro* que é, simultaneamente, o seu próprio *Eu*, isto é, encarará o conteúdo de si sem filtros, sem escapatórias, como a verdade de que é impossível fugir. Esse confronto revela-se absolutamente fundamental para o caminho de autognose que cada um deve percorrer ao longo da vida.

### **Considerações finais**

Pode afirmar-se em suma que nesta obra existe uma viagem de autognose. Paulo muda o rumo da sua vida graças a Cecília (mesmo depois do falecimento desta) e à organização da exposição que o faz reviver o passado e sarar as feridas por cicatrizar.

O mito de Ulisses resistiu ao tempo, reforçou-se com os séculos, foi exposto de diversas formas e através de inúmeras manifestações artísticas, mas o herói surgiu sempre com um carácter que nunca o abandonou, o do homem capaz de superar obstáculos, mesmo em situações adversas contra os deuses, e que buscou regressar à pátria como a melhor versão de si próprio.

Ao viajar, dentro e fora de si, como Ulisses, Paulo iniciou uma viagem de autoconhecimento e de demanda de paz que só foi possível após passar por várias provações, para assim poder viver um amor maduro e não uma paixão que o consumia e que nem ele supunha que fosse tão forte e devastadora.

Não é por acaso que a última peça da exposição de Cecília é a instalação *Nostos* (o regresso a casa, em grego), com um globo terrestre em equilíbrio instável sobre a jangada de Ulisses,

Porque provavelmente, na melhor das hipóteses, continuaremos a lutar para permanecer à superfície enquanto ondas gigantescas se abatem sobre nós. O regresso a casa, a Terra como um lugar habitável para a espécie humana faminta, sem tecto e sem abrigo, é porventura a utopia que nos mantém – mas até quando – à tona de água (Gersão 2011: 239-240).

O ser humano, e o povo português em particular, será sempre Ulisses, pois possui nos seus genes o espírito da utopia, da viagem (Soares 2019: 119-137), para fora e para dentro de si mesmo, já que nenhuma vida será verdadeiramente vivida e completa sem o alcançar de tal desígnio, superando todos os obstáculos que se vão colocando no caminho árduo e tortuoso, os quais servirão, também, como forma de aprendizagem.

Como tal, e tendo em mente a viagem que é a vida, a literatura, e a obra aqui citada de forma particular, poderão contribuir para “o percurso iniciático do homem ao encontro de si mesmo” (Soares 2017: 9), pois, como o diz Saramago (1991: 27): “Se não saís de ti, não chegas a saber quem és”.

### Referências bibliográficas

- Barthes, Roland. 1988. “Semiotics and the Urban”. *Semiotic Challenge*. New York: Hill and Wang.
- Brunel, Pierre. 1988. *Dictionnaire des Mythes Littéraires*. Mónaco: Éditions du Rocher.
- Brunel, Pierre. 1992. *Mythocritique – Théorie et Parcours*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Cabral, Eunice. 2009. s.v. “Romance Psicológico”. *E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)*, coord. de Carlos Ceia. Disponível em <http://www.edtl.com.pt>: s/p.
- Calvino, Ítalo. 1994. *Porquê Ler os Clássicos?* Lisboa: Teorema.
- Gersão, Teolinda. 2011. *A Cidade de Ulisses*. Porto: Porto Editora.
- Gersão, Teolinda 2011a: “Entrevista de Paula Moura Pinheiro”. *Câmara Clara*, (Programa da RTP2, 29 de maio de 2011). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7Q0a0qYiKO4&t=6s>.
- Gersão, Teolinda. S/d. (Vídeo). Programa Ler+ler melhor – Teolinda Gersão, *A Cidade de Ulisses*. Disponível em <http://ensina.rtp.pt/artigo/porque-teolinda-gersao-escreveu-a-cidade-de-ulisses/>.
- Holm, Jean e Bowker, John. 1997. *Mito e História*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

- Joyce, James. 2014. *Ulisses*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Pereira, Maria Helena da Rocha. 1987. *Estudos de História da Cultura Clássica*, Volume I, Cultura Grega. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Petit-Rasselle, Roxane. 2018. "Le mythe littéraire comme fait de mémoire". *AIC*, West Chester University of Pennsylvania: s/p.
- Real, Miguel. 2011. "Teolinda Gersão – Entre o Clássico e o Moderno". Disponível em <https://drive.google.com/file/d/0B6Yjdi1fotMmekZGOTThSakVKTEk/view>.
- Reis, Carlos e Lopes, Ana Cristina M. 1994. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina.
- Saramago, José. 1999. *O Conto da Ilha Desconhecida*. Lisboa. Editorial Caminho.
- Sellier, Philippe. 1984. "Qu'est-ce qu'un mythe littéraire?". *Littérature*, 55, *La Farcissure. Intertextualités au XVIIe Siècle*: 112-126.
- Soares, Maria Luísa de Castro. 2017. "O Conto da Ilha Desconhecida de José Saramago e a Simbologia da Viagem". *Humanitas* 70: 109-126.
- Soares, Maria Luísa de Castro. 2019. "O mar e a viagem: sua expressão na literatura portuguesa". In: *Humanitas* 74: 119-137.